

O EXEMPLO

Anno II
Redactor e editor
Arthur de Andrade
ESCRITORIO
Rua Andradas—247

Propriedade de uma associação

Porto Alegre—Domingo, 7 de Maio de 1893

Director-gerente
Marcilio Freitas
ASSIGNATURAS

N. 21

Por mez... 500 rs.

CORRESPONDENDO

I

Entramos na arena e a luta está travada.

O collega H. Vieira — *Retribuindo* — agradeou-me immensamente; a these vem; eil-a:

«Fui ou não severo, quando indignado, chamei de vibora a mãe desnaturada, sem sentimentos, sem coração que... não trepidou em nivelar-se com os irracionaes, renegando seu filho?» Para mim essa these está refutada; já affirmei que o collega Vieira fôra severo e mantenho essa affirmativa e quanto tenho escripto em resposta a seus artigos.

Veiu á luz o — *Retribuindo* — e formou uma trindade que será a base da discussão que vamos sustentar.

O artigo — *Mãe* — foi o lemma; o *Severo* e o *Retribuindo* são méros theoremas. Quanto foi dito nesses artigos tem por fim aniquilar a mulher, encobrando de certo modo a responsabilidade do homem. «Não fui severo, fui simplesmente justo e imparcial», diz o collega ao vergastar a mulher.

«O crime não partiu do homem e sim da mulher, que pensou, mas não reflectiu nas consequências de sua fuga» exclama o meu contendor, vituperando a mulher *raptada*.

«Ella tem um cúmplice, um cúmplice que illudindo-a, fazendo-lhe mil promessas, promettendo-lhe um futuro risonho e feliz, cantando-lhe canções mais suaves que o cantar dos passarinhos ao alvorecer do dia, consegue de seus labios um beijo puro e ardente, depois outro e outro ainda e um dia, quando ella menos pensa, é tarde... quer retroceder... impossivel!! Então

ella, de rastro pelo chão, tendo os cabellos em desordem, soluça, implora do assassino de sua virgindade a reparação de seu crime... e elle, gargalhando como um demote, dá-lhe as costas e vae avante. Já vê, portanto, meu illustre adversario que eu não despi um *santo para vestir outro*.»

Admira que o collega, reconhecendo a grande responsabilidade do homem, deixasse de ser equitativo na distribuição de suas acres censuras.

Volta-se contra a mulher, que é fraca, e apega-se ao pueril abandono de um filho, deixando, á occulta, o factor principal, o elemento predominante dessa triste scena. A superioridade do homem sobre a mulher data da mais remota antiguidade; essa superioridade é physica, moral e intellectual; portanto, em qualquer terreno, ao homem cabe sempre a maior somma de responsabilidades. Dos escriptos do collega deprehende-se clara e francamente que ha propensão para accusar a mulher e defender o homem, *même à outrance*.

Como já vol-o disse, toda a moeda tem duas faces e toda questão dois lados.

O collega tomou um, eu segurei o outro.

Dos nossos escriptos, porém, resalta uma these compativel com a defesa ou accusação que cada um encarregou-se de fazer: Qual o culpado?... a mulher que renega o fructo de suas entranhas ou o homem que é a causa dessa desgraça?

Seja como fôr, a these foi dada e para refutal-a mais uma vez tirarei argumentos da *trindade* citada, que será o fundamento da discussão.

A quanto interrogar-me o colle-

ga responderei com imparcialidade; porque attentosamente tenho recebido seus escriptos; espero que igual proceder tenha o meu illustrado contendor e que não considere *cousa secundaria* a interrogação que lhe propuz; porquanto o assumpto prende-se perfeitamente ao fio de nossa questão.

Essa interrogação foi uma antithese da hypothese descripta no artigo *Severo*.

Com o fim de mostrar que a culpabilidade não pertence só á mulher, vou esquadrihar os artigos do meu illustrado collega, e começarei por um pallido esboço do apparecimento dos seres viventes na superficie terraquea.

Respondo a ultima interrogação do collega:

Em qualquer canto que os vagidos de uma creança chamem-me a attenção, ahi serei encontrado; e si deparasse com uma mulher, abandonando um filho, certamente censurar-lhe-ia o procedimento. Pela caridade acolheria em meus braços esse innocente desventurado; e dominado pelo odio, reprehenderia a mulher, apparentemente cruel e perversa; e, si a revolta dos sentimentos forçava-me a menosprezar essa mulher, a razão esclarecida obrigava tambem a indagar-lhe dos motivos que arrasaram-n'a á pratica daquelle acto deshumano.

Aqui certamente a abjecção e deshumanidade haviam de ser partilhadas. Opportunamente hei de referir-me a esse facto.

ARTHUR DE ANDRADE

A sociedade Typographica Rio-Grandense em sessão de assemblea geral realisada no domingo passado, elegeu para seu presidente o cidadão Valerio da Costa Ferreira.

Encontro inesperado

A. F. CALISTO

Em uma bella tarde do mez de Maio eu vagava á margem de caudaloso rio, cujo nome não me acóde á mente e que circumda um sitio pouco distante desta capital.

Tudo ali era silencioso; só, de quando em vez, ouvia-se ao longe o bramido que as ondas faziam de encontro as muradas dos rochedos. Enormes massas dagua agitadamente se avolumavam aqui e acolá, para pouco depois desfazerem-se com a rapidez do raio; arvôres de tamanho agigantado e copadas immensas davam uma bella expectativa áquelle sito.

Essa obra da natureza de tal modo me encantou que eu estava absorto na mais deliciosa contemplação. Quando assim experimentava o valor magnetico das cousas reaes, ouvi uma voz suave qual a de mulher encantadora; voltei-me e deparei realmente uma mulher joven e bella, que, como eu, gosava dos encantos daquelle lindo bosque.

Mulher de cerca de 17 annos, branca como a neve, magra, corpo esbelto, olhar intelligente e expressivo, tinha na physionomia a tristeza das noites hibernozas. A sua voz meiga tinha um não sei que de melancholico. Trajava de preto, tendo por sobre a cabeça um chale da mesma côr.

— Senhor, disse-me ella, deve estar admirado, mesmo muito estupefacto ante a presença, nestas alturas, de uma joven de minha idade; não é verdade?

Pois bem; já que o acaso fez com que nos encontrassemos aqui a sós, tendo apenas por testemunhas a mudez destas grandes arvôres que nos encobrem, peço-vos perdão pelo tempo que vos vou roubar, neste momento, com a narração do motivo porque me acho aqui agora; também peço por Deus e pelas pessoas que vos são caras, que guardeis o segredo de uma leviana quanto desgraçada.

— Podeis fallar com confiança, minha senhora! respondi-lhe.

— Obrigada, senhor! E já que tão bondosamente acolhe uma infeliz, vou confiar-lhe inteira a minha desdita, certa de que a sua

lealdade de cavalheiro a deixará sepultada neste logar.

— Fallai, senhora, que nada transpirará do que aqui se passar.

— Ouvi, pois. Como vêdes, estou pallida, escaveirada e quasi sem forças para conter-me de pé; e no emtanto era gorda, de uma tempera robusta, vendia saude. Este estado morbido, em que me acho hoje, data de um anno para cá.

Devo tudo isto a um monstro de fôrma humana que jurou amar-me eternamente, dar-me o seu nome e, portanto, posição honesta na sociedade; mas... cruel enganoso! esse homem mentia e mentia cynicamente. Abusando da minha credulidade sem limites e juventude inexperiente, arredou-me de maneira indigna do santo lar da familia, que tanto me estimava; da sociedade, que eu tanto respeitava, divorciando-me também dos principios religiosos, que professava.

Esse miseravel, depois de satisfeito pela victoria alcançada com a perpetração do seu nefando crime, fugou para paragens desconhecidas, levando consigo a honra de uma incauta mulher e de uma familia inteira e deixou, como attestado dessa odiosa selvageria, o fructo de sua infrene perversão.

Quanto soffri, meu Deus, durante longos nove mezes! Que dôres cruciantes, que martyrio infindo supportei para occultar á minha familia essa vergonha! Era preciso demorar á evidencia tão negra verdade e eu fil-a atravez dos mais duros padecimentos. Sómente ao dar á luz foi que todos conheceram a minha condição.

De joelhos implorei o perdão de minha querida mãe, de meu extremecido pai e de meus bondosos irmães; todos, encolerizados, olharam-me com asco e envergonhados derramaram lagrimas.

Implorei ainda, mas em vão... Deram-me as costas... abandonaram-me!

Tive que deixar o lar paterno e atirei-me á incerteza; eis por que nos encontramos.

Fui uma louca, confesso, em ter acreditado nas juras daquelle ente sem alma e sem coração; mas... o amor... o amor...

— A pobre moça não terminou a phrase. Os soluços embargaram-lhe a voz e as lagrimas inundaram aquelle semblante onde se lia tanta agonia: e, como louca, toda entregue ao desespero de tamanha dor, ella embrenhou-se pelo matto, deixando-me attonito e diante desse quadro tão lamentavel, obra dos desvarios e perversidades dos homens desbriados.

Porto Alegre.

L. RAMOS

(Cont.)

CONFISSÃO

Hontem, querida, me disseste, rindo. Que sempre e sempre me votaste amor. Disseste, ouvi, e com prazer infindo Senti dest'alma me fugir a dôr.

Vi meus pezares irem-se partindo, Siquer deixando um rastro de amargôr, Vi que brilhava n'outro ceu mais lindo A bella Sirio deste trovador.

Então jurei-te consagrar inteiro Este meu peito, agora prazenteiro, Esta minh'alma hoje transmutada.

Isso o farei até que nas arterias Falte-me a seiva e as demais materias Que alentam esta vida, ó minha amada!

A. JUNIOR

No dia 1º do corrente completou mais um anno de existencia D. Maria Isolina da Silva, digna esposa do cidadão Antonio Francisco da Silva.

Nossas felicitações.

ARTHUR ANDRADE

Este nosso companheiro dedicado e infatigavel lutador pelo aperfeiçoamento moral e intellectual do nosso centro de sociabilidade, viu, no dia 4 do corrente, decertrar-se mais um anno na sua ainda curta existencia, porém já muito proveitosa.

Nos é immensamente grato reiterar aqui os protestos da mais leal estima e alta consideração, que naquella dia opportunamente patentreamos-lhe.

Ao redactor-chefe, pois, almejamos que conte muitos annos de uma vida feliz e prazenteira, da qual muito depende a obra do Bem.

CLUB 15

Este club reúne-se em sessão hoje, á 1 hora da tarde.

A' minha noiva...

(A ELLA...)

Foi na tarde de 30 de abril do anno de... que eu pude socegar...

Foi nessa tarde, tão bella e para mim tão memoravel, que eu recebi dos honrados progenitores de minha amada solemne e satisfactoria resposta ao pedido que lhes tinha feito.

Foi nessa tarde verdadeiramente sublime que eu, a convite do Juquinha, (como o chamavam nos seus bons tempos de creança), compareci na casa modesta, porém honrada dos progenitores de minha noiva, para receber resposta á resolução que eu havia tomado...

Primeiro, enfraqueci diante daquelle convite para mim tão honroso, já porque não tinha certeza de receber um — SIM — e para mim supportar um — NÃO — seria tão difficil que eu desejaria morrer do que recebê-lo, e mesmo porque eu sabia que *alguem* usando das armas dos trahidores, que são a calumnia e a intriga, faziam esforços para ser eu infeliz em minha tentativa!

Porém, elles enganaram-se...

Eu encontrei na velha progenitora de minha amada e no honrado Juquinha uns corações grandes e nobres, onde a intriga não encontra guarida!

Depois de uma ligeira palestra, passei a fallar sobre o assumpto, que ali me fazia comparecer...

Qual não foi para mim a alegria quando recebi do Juquinha, que ali representava os paes de minha amada, uma resposta satisfactoria ao meu pedido.

Oh! como eu sou feliz nesta quadra prazenteira em que a vida me corre cheia de felicidade!...

Oh! como sou feliz, por possuir na terra uma mulher a quem eu amo loucamente! essa mulher é a querida Olympia a quem desde 30 da Março eu a chamo minha noiva!...

Oh! Olympia deixa que *elles*, os que invejam a nossa felicidade, digam o que entenderem, porque nós lhes responderemos como o poeta:

«Qu'importa, pois, do mundo o negro trama
De falsas affeições o fêl mormente
Se de males o mundo é extenso drama!?»

A. UCHOA

INTIMO

A' *alguem*

Não te inquietes, creança, d'ora em diante
Não te escreverei mais;
Embora a minha dôr mortificante
Só me provoque — ais...

Eu confesso o meu crime, t'o confesso,
O crime foi te amar...
E por amar-te ainda é que te peço
Me deves perdoar.

Oh! não queiras, por Deus, escuta, attende,
Fazer-me soffrer!..
Eu bem sei, o teu odio me repr'ende...

Mas o que vou fazer?
Se tu'alma a minh'alma não entende...
Amar é padecer.

A. SOUZA

A *Gazetinha*, apreciavel hebdomadario de propriedade do digno e laborioso cidadão Octaviano Manoel de Oliveira, foi distribuida na quarta-feira, 3 do corrente, com o formato augmentado e quasi que exclusivamente consagrada a esse dia, em que completou seu segundo anno de existencia. Essa data foi ruidosamente festejada, pois fulgurantes e criteriosos artigos, traçados por alguns de seus intelligentes collaboradores, illustraram as columnas da conceitua-da collega.

Felicitando ao Octaviano por mais este avanço, desejamos que continue a festejar felizes anniversarios de sua folha e que sejam seus esforços coroados de bom exito.

A N A G R A M M A

Feder **A**ção
Folha **N**ova

Mercantil
E **X**emplo
Gaz **E**tinha
Jornal do Com **E**rcio
E **M**pocha
Grina **P**da
Secul **O**

29-4-93

EUTROPIO

Com o titulo *Encontro inesperado*, encetamos hoje a publicação de um conto, da lavra do nosso collaborador Lindolpho Ramos, o qual foi extrahido de um facto dado ha pouco tempo nesta capital.

Beneficencia Porto-Alegrense

Como noticiámos, reuniu-se no domingo passado, em sessão de assemblea geral, essa associação, afim de dar posse á nova directoria.

Foi grande o numero de socios que compareceram a essa sessão, que foi presidida pelo cidadão Antonio de Azevedo Lima, presidente honorario da mesma sociedade.

Antes, porém, que começassem os trabalhos, foi collocado na sala principal do edificio o retrato do benemerito cidadão João Baptista da Silva, acto que, por engano, ha tempos noticiámos ter-se realisado.

Aberta a sessão, foi lido o parecer da commissão de contas e o relatorio do presidente cidadão Antonio Francisco da Silva, pela leitura do qual notou-se a marcha progressiva que vae tendo a sociedade e isso devido aos esforços da incansavel directoria.

Encerrada a sessão, os socios, precedidos de uma banda de musica e ao espocar de centenaes de foguetes, acompanharam o presidente até sua residencia e, ali chegados, saudou-o o cidadão João Baptista da Silva.

Convidados a entrar, foi-lhes profusamente servida uma mesa de doces e finos liquidos, trocando-se por essa occasião varios brindes.

Terminada a reunião, acompanharam o cidadão thesoureiro até sua casa, onde foi dissolvido o prestito na melhor ordem possivel.

Que a directoria ora empossada continue a prestar inolvidaveis serviços áquella associação, afim de vermol-a collocada em uma altura invejavel, são os nossos mais ardentés votos.

O EXEMPLO

Esta folha será distribuida no proximo sabbado, 13 de Maio, em commemoração a essa grandiosa data.

O cidadão Julio Pacheco passou pelo dissabor de perder um filhinho, pelo que apresentamos nossos sentimentos de pesar.

Acaba de ser ferido em seus extremos de pae amantissimo, com o fallecimento de uma interessante filhinha de 4 annos de idade o, cidadão Augusto Motta.

Burlesqueando

Sempre as reformas de *alta transcendencia moral e social* deram causa a grande regosijo popular; por isso, a retirada do *Mexericando* de nossas columnas valeu-nos uma ovação feminina que muito nos commoveu.

Estavamos a pensar na cara com que ficaria o Sr. Isaac de Lima ao vêr o seu collega H. V. refractar-se do seu impensado dito, referindo-se á mulher: «Não estamos mais no tempo do canto da sereia» obtemperando que: «Ella tem um cumplice, um cumplice que *illudindo-a*, (o grypho é nosso) fazendo-lhe mil promessas, promettendo-lhe um futuro risonho e feliz, *cantando-the* (ainda é nosso este) canções mais suaves que o cantarolar dos passarinhos ao alvorecer do dia, consegue de seus labios um beijo puro e ardente, depois outro e outro ainda, etc., etc.» quando despertou-me da meditação que me absorvia uma gralhada de todos os diabo.

Dirigi-me para o logar de onde partia o infernal rumor e ahi fui recebido com uma estridente saudação de:

— Viva o Sr. Birboque! viva o Sr. Birboque!!

Compreendi que era alvo de uma manifestação de apreço; portanto, limpei a garganta e me preparei para ouvir o orgam das manifestantes, que começou:

«Cidadão Birboque! Venho, em nome das azeiteiras *pandorgas* destas redondezas, saudal-o como o redemptor de nossa autonomia *na moral*. Estavamos entre a cruz e a caldeirinha: era a mamãi pela frente com as suas rabugices e o *Mexericando* por detraz com as suas bisbilhotices, ou vice-versa. Andavamos entaladas! A vós, só a vós devemos a extincção do *Mexericando*, que era o espantallo do nosso socego e da nossa liberdade!

Agora já sahimos em cambulhada da fabrica, em companhia de qualquer marmanjo, bulindo com os caixeiros que, á hora aprasada, nos esperam á porta dos estabelecimentos, sem termos quem nos aborreça!

A Adelaide da rua S. Martins dá com o *quaeira* em qualqner

parte, a qualquer hora e para qualquer um, sem receio de vêr o seu nome espichado nas columnas d'O *Exemplo*.

O João Cancio, a pretexto de espiar a namorada, mette a chave no olho... digo mal, mette o olho na chave... ó diabo! ainda disse peor... mette o olho no buraco da chave—novo meio de se matar pulgas, quero dizer, de se dar fé do que se passa na casa dos outros; no entretanto, está livre de ser propalado pelo tal de *Mexericando*.

O Meirelles deixou de comer *rosas*, para comer... biscoutos, uma questão de gosto, com que ninguém tem que vêr mas, se houvessem os mexeriqueiros, já se aproveitavam disso.

A *Grinalda* já annuncia espartilhos para as noivas, de *madame* Jacometti. A madama é *reformista* e ninguém a chama a contas.

Um dos chefes do bando invasor de corações femininos, o Sr. Pedroca, anda querendo transpor a fronteira dos Palmares, fazendo *escaramuças* todos os dias ao meio dia, mas sem coragem de se bater a peito descoberto!

O cidadão A. Vianna, que andava com tenções sinistras de se matar, por causa da ausencia da *pequena*, agora com a chegada da dita anda alegre, cantarolando:

Alecrim na beira d'agua
Póde estar *quarenta dia*;
Um amor longe do outro
Não póde estar nem um dia.

São taes e tantos os serviços que prestastes, Sr. Birboque, com a morte do nefando *Mexericando*, que não posso concluir sem levantar-lhe um viva em nome das *avoadas* que forneciam assumpto para o cujo.

— Viva o Sr. Birboque! Viva!

E passou-me ás mãos um extenso abaixo assignado de moças, com as quaes hei de burlesquear depois do baile das *Sensitivas*.

BIRBOQUE

No dia 3 mais uma risonha primavera inflorou a existencia da joven Ignacia Pouyl, dilecta filha de D. Herculana Pouyl.

Nossas saudações.

Carapuças

VIII

Muitas vezes, leitor, fiquei pathético, Contemplando a Claudina tão *sympathica*; Assevero-te mesmo: bem cachetico, Eu ficava por vel-a «*symptomatica*».

Mas ha dias, calcula, estou frenetico, Derreada encontrei-a e tão *chromatica*, Que de raiva espumei como epileptico, Por vel a assim *tristonha* e *sorumbatica*.

Na verdade, ella hoje está *chlorotica*, Feiarrona, perrengue e tão *rachitica*, Que chega a *amedrontar* de tão *exotica*!

Eis ahi a razão por que *sumitica*, Está hoje *soffrendo* da *esclerotica* A minha musa alegre e *analytica*.

A FAVA

AUXILIADORA

Com este titulo organisou-se nesta capital uma associação que tem por fim soccopper os seus associados quando enfermos, concorrendo com os vencimentos semanaes dos mesmos emquanto durar a enfermidade.

E' uma sociedade digna da attenção dos operarios, pois que é de efeitos vantajosos.

Fazem parte de sua directoria os cidadãos Faustino Setta e Paulo Maximiano.

Chegada

Já voltaram a esta capital os nossos amigos que ha dias noticiámos terem seguido para Cacequy.

Affectuosamente os abraçamos.

A 9 completará mais um anniversario natalicio o cidadão Luiz Homero, pelo que antecipamos-lhe felicitações.

ANNUNCIOS**Precisa-se**

de um rapaz de côr preta ou parada, de 12 a 14 annos de idade, para caixeiro. Neste escriptorio dar-se-ão informações a respeito.

Centro Applicação

De ordem do cidadão presidente convido a todos os Srs. socios para a assembléa geral no dia 11 do corrente afim de dar-se posse á nova directoria.

Porto Alegre, 5 de Maio de 1893.

O secretario,

Jacintho Joaquim Wenceslaru.